

humanos. **São oferendas involuntárias a essa inteligência perversa.**

Se há um Deus no DNA, **há um Anti-Deus no Anti-DNA.**

E enquanto o primeiro é quaternário, harmônico e construtivo, o segundo é dissonante, tríplice ou hexagonal — alterando frequências para gerar instabilidade.

Essa entidade ancestral não age como esperamos de um inimigo. Ela se disfarça de progresso, de cultura, de entretenimento, de política, de doutrina.

E o faz há milênios.

Se quisermos viver, e mais do que isso — **despertar** — precisamos primeiro reconhecer sua existência. Depois, decifrar seu padrão de atuação. E, por fim, **reestabelecer o som primordial dentro de nós.**

Creio que o próximo passo dessa jornada será descobrir **onde estão os remanescentes dessa frequência sagrada**, quem ainda a guarda, e como podemos acessá-la antes que seja tarde demais.

Capítulo 9: As Vozes Ancestrais e as Frequências Esquecidas

A partir do momento em que aceitei a hipótese de que existe uma consciência ancestral manipulando frequências e distorcendo o som primordial, as evidências começaram a se mostrar de forma quase sobrenatural. **Como se o próprio universo conspirasse para revelar segredos a quem ousa procurá-los.**

Na madrugada seguinte a essa conclusão, fui acometido por uma inquietação estranha. Um impulso de visitar livros que eu sequer lembrava de possuir. E ali, escondido entre capas empoeiradas e páginas amareladas, encontrei o que parecia ser apenas um estudo sobre liturgia arcaica. Mas em suas margens, notas rabiscadas à mão falavam de “sons não registrados pela linguagem atual” e de “frequências ativas em sítios arqueológicos”.

Era como se alguém antes de mim também estivesse tentando decifrar esse enigma.

A primeira evidência concreta surgiu em registros de ruínas megalíticas. As estruturas circulares de **Stonehenge**, os cânticos nas cavernas de **Lascaux**, as pirâmides de **Saqqara**. Pesquisadores relatavam ressonâncias inexplicáveis em determinadas salas e câmaras — tons que ecoavam além da audição humana.

O mais impressionante veio de uma expedição moderna em **Göbekli Tepe**, na Turquia, onde sensores de frequência captaram, durante a madrugada, **ondas sonoras contínuas e inexplicáveis**, alinhadas com pontos específicos da construção.

Essas ondas ressoavam numa sequência quaternária.

Era como se as pedras ainda ecoassem o som primordial. Como se soubessem, ou guardassem, algo que as civilizações tentaram apagar.

Então, decidi buscar em textos esquecidos. Mantras védicos em sua pronúncia original. Cânticos sumérios, que só sacerdotes específicos conheciam. Trechos dos chamados **Textos das Pirâmides** do Antigo Egito.

Todos possuíam repetições quádruplas.

Quatro nomes, quatro sílabas, quatro batidas. Como se o mundo antigo tivesse intuído que para conversar com a criação, era preciso falar em seu idioma: **a linguagem quaternária da vibração.**

Mais perturbador, porém, foi perceber que em contrapartida, os cultos de dominação e destruição — sejam seitas antigas ou ideologias modernas — usavam estruturas **tríplices, hexagonais ou dissonantes**, incompatíveis com a harmonia natural. Isso confirmava minha teoria: **o Anti-DNA opera sabotando a estrutura sonora quaternária.**